

A BÍBLIA E CRÍTICA MODERNA

David Heagle, D.D.

Emeritus, Stuttgart, Alemanha

Traduzido do Original alemão por F. Bettex, D.D.

Abreviado e corrigido por H. Christian, Th.D.

Como a Bíblia pode provar ser divinamente inspirada, um livro que nos foi dado pelo céu, uma comunicação do Pai a Seus filhos, e, portanto, uma revelação?

Primeiramente, pelo fato de que, como nenhum outro livro sagrado no mundo faz, a Bíblia condena o homem e todas suas obras. Ela não louva a sabedoria, a arte, ou qualquer progresso que ele tenha feito; além disso, ela o retrata como um ser que aos olhos de Deus é um pecador miserável, impossibilitado de fazer qualquer bem, e merecedor apenas da morte e da perdição eterna.

Na verdade, um livro que é capaz de falar dessa maneira e como consequência disso levar milhões de homens, cuja consciência os importuna, a prostrar-se no pó e a clamar, “Deus tem misericórdia de mim, um pecador”, deve conter algo mais do que uma mera verdade comum.

Em segundo lugar, a Bíblia exalta a si mesma bem acima de todos os outros livros meramente humanos, quando anuncia o grande e incompreensível mistério de que, “Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna”(Jo3.16). Em todas as nações pagãs, onde podemos encontrar um deus – Osíris, Brahma, Baal, Júpiter ou Odin – que tenha prometido aos povos que, ao tomar sobre si o pecado do mundo e sofrer seu castigo, ele, desse modo, se tornaria o salvador e redentor dos homens?

Em terceiro lugar, a Bíblia põe o selo de sua origem divina sobre si mesma mediante as profecias. Deus, muito apropriadamente, pergunta por meio do profeta Isaías, “Quem há, como eu, feito predições desde que estabeleci o mais antigo povo? Que o declare e o exponha perante mim! Que esse anuncie as coisas futuras, as coisas que hão de vir!”(Is.44.7).

Que diz novamente, “Eu sou Deus, [...] que desde o princípio anuncio o que há de acontecer e desde a antiguidade, as coisas que ainda não sucederam; que digo: o meu conselho permanecerá de pé, farei toda a minha vontade; que chamo a ave rapina desde o Oriente e de uma terra longínqua, o homem do meu conselho. Eu o disse, eu também o cumprirei; tomei este propósito, também o executarei”(46.9-11). Ou dirigindo-se ao Faraó, “Onde estão agora os teus sábios? Anunciem-te agora ou informem-te do que o Senhor dos Exércitos determinou contra o Egito”(19.12). Perguntamos novamente, onde há um deus, ou deuses, um fundador de religião, como Confúcio, Buda ou Maomé, que poderia, com tal certeza, ter predito o futuro de seu próprio povo? Ou onde há um estadista que nos tempos atuais pode predizer qual será a condição das coisas na Europa daqui a cem ou duzentos anos? No entanto, as profecias de Moisés e os juízos ameaçadores sobre os israelitas foram cumpridos literalmente. As profecias relativas à destruição daquelas grandes cidades antigas, Babilônia, Nínive e Mênfis, também foram cumpridas literalmente (embora quem acreditasse naquele tempo?). Além do mais, foram cumpridas, de modo literal, as profecias que os profetas Davi e Isaías fizeram concernentes aos sofrimentos de Cristo – Sua morte na cruz, o ter bebido vinagre e o lançar sortes por suas roupas. Há também outras profecias que serão cumpridas de modo ainda mais literal, tais como as promessas feitas a Israel, o juízo final e o fim do mundo. Como diz Habacuque, “Porque a visão ainda está para cumprir-se no tempo determinado,

mas se apressa para o fim e não falhará; se tardar, espera-o, porque, certamente, virá, não tardará”(Hb 2.3). Em quarto lugar, a Bíblia tem demonstrado seu poder peculiar por sua influência com os mártires. Pensem nas centenas de milhares que, em diversas épocas e de povos distintos, sacrificaram a tudo – esposas, filhos e todas as posses, e, por fim, a si mesmos – pelo relato contido nesse livro. Pensem em como eles, nos tormentos e nas fogueiras, confessaram a verdade da Bíblia e mantiveram o testemunho de seu poder.

Por último, a Bíblia, a cada dia mais, mostra ser um livro divinamente concedido graças à benéfica influência para todos os tipos de pessoas. Ela converte para uma vida melhor o ignorante e o sábio, o mendigo e o rei sentado no trono, a pobre mulher que vive em um sótão, o grande poeta e o mais profundo pensador, pessoas civilizadas e selvagens incultos. A despeito de todo escárnio e zombaria de seus inimigos, ela tem sido traduzida para centenas de idiomas, assim como tem sido proclamada por milhares de missionários e por milhões de pessoas. Ela torna o orgulhoso humilde, e o dissoluto, virtuoso; consola o desafortunado e ensina ao homem como viver pacientemente e morrer de modo triunfante. Nenhum outro livro, ou coleção de livros, realiza para o homem os grandes benefícios realizados por esse livro que contém a verdade.

A CRÍTICA MODERNA E SEU MÉTODO RACIONALISTA

Nos tempos atuais apareceu uma crítica, cada vez mais incisiva em seu ataque ao livro sagrado, que agora decreta, com toda auto-segurança e confiança, que esse livro sagrado é simplesmente uma produção humana. Além de outras falhas encontradas nele, essa crítica declarou que a Bíblia está cheia de erros, sendo muitos de seus espúrios, pois foram escritos por homens desconhecidos em datas posteriores `aqueelas que lhes são atribuídas, etc. e etc. O princípio fundamental sobre o qual esse veredito baseia-se é, conforme expressou Renan, que a razão é capaz de julgar todas as coisas, mas não é julgada por nada. Portanto, uma revelação puramente racional, com certeza, seria uma contradição de termos; além disso, seria inteiramente supérflua. Quando, porém, a razão compromete-se a falar de coisas inteiramente sobrenaturais, invisíveis e eternas, ela fala como um cego que fala sobre as cores, pois discursa sobre coisas relativas às quais não conhece nem pode conhecer; e assim torna-se ridícula. Ela não ascendeu aos céus nem desceu às profundezas; e, portanto, uma religião puramente racional não é, de forma alguma, religião.

INCOMPETÊNCIA DA RAZÃO PARA A VERDADE ESPIRITUAL

A razão sozinha jamais inspirou os homens com grandes e sublimes concepções da verdade espiritual, seja no caminho da descoberta seja no da invenção; mas, costumeiramente, ela tem rejeitado e ridicularizado tais questões. O mesmo acontece com esses críticos rationalistas, que não tem apreço ou compreensão daquela elevada e sublime Palavra de Deus. Eles não compreendem a majestade de Isaías, a ternura e a compaixão do arrependimento de Davi, a audácia das orações de Moisés, a profundidade filosófica de Eclesiastes, nem a sabedoria de Salomão que “na rua [...] levanta a voz”. Para os críticos, sacerdotes ambiciosos, em datas posteriores às comumente atribuídas aos livros, compilaram todos aqueles livros

aos quais fizemos alusão; segundo eles, esses sacerdotes também escreveram a lei Sinaítica e inventaram toda a história da vida de Moisés.

NENHUM ACORDO ENTRE OS CRÍTICOS

Será que esses críticos, pergunte a alguns deles, concordam uns com os outros? Longe disso. Eles, com certeza, negam unanimemente a inspiração da Bíblia, a divindade de Cristo e do Espírito Santo, a queda e o perdão dos pecados por meio de Cristo; o mesmo acontece em relação a outros tópicos: a profecia, os milagres, a ressurreição dos mortos, o juízo final, o céu e o inferno. Quando, porém, chegam aos seus resultados, pretensamente corretos, nem mesmo dois deles afirmam a mesma coisa, e as numerosas publicações criam uma leva de hipóteses controvertidas, auto-contraditórias e naturalmente destrutivas.

QUAIS SÃO OS FRUTOS DESSA CRÍTICA?

Nas salas de aula a crítica ilude, nas palestras faz grandes simulações, pois para as meras palestras populares ela ainda é útil; mas quando os trovões do poder de Deus rompem sobre a alma, quando o desespero devido à perda de tudo que alguém amava toma conta da mente, quando a lembrança de uma vida perdida e miserável ou das má ações do passado é sentida e admitida, quando alguém está enfermo e a morte se aproxima, e a alma, percebendo que está diante do muro da eternidade, chama por um salvador – nesse exato momento, quando sua ajuda é mais necessária, essa religião moderna falha abertamente.

Contudo, suponhamos que todo o ensinamento dessa crítica fosse verdadeiro, qual seria seu proveito para nós? Ela, na verdade, nos colocaria em uma triste condição. Pois, assentando-nos ao lado de templos arruinados e de altares destruídos, sem nenhuma alegria com relação à outra vida, não haveria nenhuma esperança de vida eterna, nenhum Deus para nos auxiliar, nenhum perdão dos pecados. Desse modo, sentindo-nos miseráveis, totalmente desolados em nossos corações e com o caos em nossas mentes, seríamos completamente incapazes de saber ou de crer em qualquer coisa. Será que essa perspectiva em relação ao cristianismo poderia ser verdadeira? Não! Se essa crítica moderna fosse verdadeira, então deveríamos nos desvencilhar do tão aclamado cristianismo, que apenas nos ilude com fábulas mirabolantes! Deveríamos nos desvencilhar dessa religião que não tem nada a nos oferecer, a não ser o lugar comum dos ensinamentos sobre a moral! Nada de fé! Nada de esperança! Comamos e bebamos, pois morreremos amanhã!

CONCLUSÃO

Portanto, ao repudiar essa crítica moderna, devemos mostrar nossa condenação a ela. O que ela nos oferece? Nada. O que nos tira? Tudo. Temos alguma utilidade para ela? Não! Ela não nos auxilia na vida nem nos conforta na morte; Ela não nos julgará no mundo vindouro. Pois, em nossa fé bíblica, não precisamos nem dos encômios dos homens, nem da aprovação de alguns pobres pecadores. Não tentaremos melhorar as Escrituras nem adaptá-las ao nosso querer, mas, nós mesmos, seremos dirigidos por elas. Não exercemos autoridade sobre elas, mas as

obedeceremos. Confiaremos naquele que é o caminho, a verdade e a vida. Sua Palavra nos libertará.

“Senhor, para quem iremos? Tu tens as palavras da vida eterna; e nós temos crido e conhecido que tu és o Santo de Deus”(Jo6.68-69).

“Venho sem demora. Conserva o que tens, para que ninguém tome a tua coroa”(Ap3.11).

Este texto foi extraído com a devida autorização do livro: Os Fundamentos, publicado pela Editora Hagnos, folhas 31 a 35.